

NOTÍCIAS DE ESCOLAS E ASSOCIAÇÕES ÉTNICAS ITALIANAS NA IMPRENSA DE CAXIAS DO SUL/RS E JUIZ DE FORA/MG (1880 - 1914)

Maysa Gomes¹
Universidade FUMEC/MG e UFMG

Terciane Ângela Luchese²
Universidade de Caxias do Sul/RS

Recebido: 26/02/2016
Aprovado: 10/05/2016

Resumo: Este estudo discute a inscrição social das escolas étnicas italianas nas cidades de Caxias do Sul, RS e Juiz de Fora, MG. Nosso objetivo é analisar e compreender a promoção da escolarização de crianças filhas de imigrantes no contexto de grupos sociais distintos. Consideramos as relações sociais oriundas da vida dos imigrantes e investigamos como estes elementos se relacionam com a construção de um processo educacional escolar e cultural a partir das notícias publicadas nos jornais. Selecionamos alguns aspectos presentes nos impressos pesquisados tais como: a organização, os professores e sua formação, bem como os rituais, a exemplo das festividades decorrentes de datas comemorativas e dos exames escolares, para o período de 1880 a 1914, período mais intenso de investimentos nesse tipo de organização escolar. Tomamos como referencial teórico a História Social e Cultural, e, metodologicamente, efetivamos a análise documental principalmente de jornais como *O Cosmopolita* (Caxias do Sul) e o *Jornal do Comércio* (Juiz de Fora) além de outras fontes. Pensar como eram dadas a ver as escolas italianas em dois espaços geográficos diferenciados, comparando-os, torna-se relevante para compreendermos as singularidades e as interlocuções dos processos históricos educacionais.

Palavras-chave: Escolarização; Sociedade; Imprensa; Escolas italianas; Etnicidade.

NEWS ABOUT ETHNIC ITALIAN SCHOOLS AND ASSOCIATIONS IN THE PRESS OF CAXIAS DO SUL/RS AND JUIZ DE FORA/MG (1880 - 1914)

Abstract: This study discusses the social position of Italian ethnic schools in the cities of Caxias do Sul, RS and Juiz de Fora, MG. Our aim is to analyze and understand the promotion of immigrants' children school attendance in the context of different social groups. We consider social relations originated from immigrants' life and we investigated how these elements relate to the fact of building an educational schooling and cultural program from news published on newspapers. We selected some present aspects in researched printed material such as: organization, teachers, and their education, as well as rituals; for example, parties due to commemorative dates and school exams during the period from 1880 to 1914. This period is particularly intense in investments in this kind of school organization. We considered as theoretical reference Social and Cultural

¹E-mail: maysa@fumec.br.

²E-mail: taluches@ucs.br.

history, and, methodologically, we did the analysis of documents, mainly of newspapers as *O Cosmopolita* (Caxias do Sul) and *Jornal do Comércio* (Juiz de Fora) apart from other sources. To think about how Italian schools were shown in two different geographic spaces, comparing them to each other is relevant to understand singularities and interlocutions of historic educational processes.

Keywords: School attendance; Society; Press; Italian schools; Ethnicity.

Introdução

A presença italiana no Brasil, tema de diversos trabalhos, ainda resguarda inúmeras possibilidades e perspectivas de estudo, dada a sua importância e influência nos cotidianos locais. Neste contexto, as cidades que acolheram imigrantes tornaram-se lugares plurais, onde as diferentes culturas se mesclavam. Nesta pluralidade da vida, diferentes espaços - sociais, culturais e escolares - eram compartilhados e anunciados em jornais. Assim aconteceu em Caxias do Sul/RS e em Juiz de Fora/MG.

No Rio Grande do Sul, a chegada de imigrantes italianos ocorreu intensamente a partir de 1875. A maioria estabeleceu-se em colônias, criadas pelo governo provincial em áreas de terras 'devolutas', sendo uma das mais importantes, a Colônia Caxias (depois, município de Caxias do Sul). Nessas colônias, tudo estava por fazer, mas a colonização foi breve e o crescimento intenso. Já em Minas Gerais, a vinda de imigrantes italianos apresentou outra dinâmica, a exemplo de Juiz de Fora, que em fins do século XIX era um centro político, industrial e comercial consolidado economicamente, com grande concentração populacional. Além de abrigar a hospedaria de imigrantes, acumulou experiências de movimentos comerciais, industriais, operários, uma significativa concentração de imigrantes em sua área urbana com suas respectivas organizações que tinham vínculos com a instrução.

Objetivamos, assim, analisar e compreender a promoção da escolarização de crianças filhas de imigrantes italianos no contexto de grupos e circunstâncias sociais distintas, bem como suas relações com a construção de um processo educacional escolar e cultural. Nossa principal fonte de pesquisa são as notícias publicadas nos jornais *O Cosmopolita* (Caxias do Sul) e o *Jornal do Comércio* (Juiz de Fora), além de outras fontes complementares. Buscamos os aspectos constitutivos do modo como essas escolas se constituíram e foram apresentadas,

principalmente sua organização e as festividades decorrentes de datas comemorativas e dos exames escolares. O recorte temporal da análise se estende de 1880 a 1914, período mais intenso de investimentos nesse tipo de organização escolar.

As abordagens sobre os processos educacionais efetivados no contexto da História Social e Cultural trazem a marca da ampliação das fontes e das temáticas viabilizando a reflexão sobre a educação como uma prática social. Destacam a necessidade de estender o olhar sobre a história da educação ampliando as perspectivas analíticas para contextos diferenciados em que a educação se desenvolve. Assim sendo, ampliar o conceito de educação, principalmente nos trabalhos em história da educação, considerando-a como prática social vivenciada de diversos modos por grupos sociais distintos ao longo da história, se torna fundamental. Essa ampliação permite buscar as experiências educacionais produzidas por diversos grupos sociais na socialização de indivíduos cujo contexto educativo auxilia na compreensão do sistema escolar. Como alerta Demartini

É necessário captar as diferenciações sociais existentes e como os problemas educacionais são vivenciados e representados por cada grupo para escaparmos de leituras lineares dos vários períodos que esquecem que somos desde nossas origens uma sociedade multifacetada, extremamente hierarquizada e tratam a população brasileira como se fosse um grupo homogêneo.³

Esta sociedade multifacetada abrigou os diversos segmentos da população *nacional* e também grupos de *estrangeiros* ou *imigrantes*, que no seu interior estabeleceram relações complexas e muitas vezes contraditórias. Quando consideramos a educação como prática social, devemos levar em conta a distinção social do imigrante e suas manifestações, bem como as relações estabelecidas pelos diferentes grupos de imigrantes entre si e com a sociedade, inclusive na conformação dos quadros de sua educação.

Os problemas educacionais e a atuação do Estado explicitam diversas vivências e representações construídas pelos grupos sociais. As diferentes formas

³ DEMARTINI, Zeila de B. F. Algumas reflexões sobre a pesquisa histórico-sociológica tendo como objeto a educação da população brasileira. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J.C.; SANFELICE, L. (Org.) **História e História da Educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2000. p. 65 - 78. (Coleção Educação Contemporânea). p. 71.

de educar ou de partilhar de uma educação oficial foram características de grupos sociais como negros e imigrantes,⁴ que culminaram, muitas vezes, na criação de outras formas paralelas de instrução ou em uma inserção diferenciada na escola pública.

Diante destas demarcações, observamos que as publicações na imprensa sobre a instrução, principalmente no *O Cosmopolita* e no *Jornal do Comércio*, se constituem em uma série documental e uma fonte para a história da educação. Concordamos com Faria Filho⁵ no sentido de que "nos jornais encontramos como que 'um retrato em branco e preto' da realidade".⁶ Isso vale tanto para o Império quanto para a República.

Embora saibamos das distinções que se apresentam no caráter da forma e das ideias veiculadas pela imprensa, também não desconhecemos a participação e defesa de diferentes interesses, muitas vezes antagônicos. A publicação de dados, matérias, descrições, enfim, informações sobre a instrução constituem uma fonte essencial às construções históricas, especialmente para a educação. Isso torna os jornais uma fonte privilegiada pela periodicidade e regularidade de sua publicação, como no caso dos jornais analisados. Como ainda expõe Faria Filho,

Também aqui, como em outros lugares do mundo, o jornal foi visto como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes. Sobretudo os jornais foram vistos como importante estratégia educativa.⁷

Metodologicamente, efetivamos a análise documental dos jornais e procuramos também as informações contidas na legislação e em relatórios e mensagens dos presidentes de Províncias e Estados, bem como em relatórios consulares.

⁴ Sobre a escolarização de imigrantes italianos em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, consultar, respectivamente, Gomes (RODRIGUES, Maysa Gomes. **Sob o céu de outra pátria: imigrantes e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2009.** 401 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.) e Luchese (LUCHESE, T. Â. **O processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: UCS, 2015.).

⁵ FÁRIA FILHO, L.M. de. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX. In: ARAÚJO, J. C. de S.; GATTI JÚNIOR, D. (Org.) **Novos temas em história da educação brasileira.** Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 133-150.

⁶ Ibidem. p. 134.

⁷ Idem.

O fenômeno emigratório italiano precisa ser visto na conjugação de elementos políticos, econômicos e culturais que promoveram tal processo. A entrada de imigrantes no Brasil, durante o século XIX, também estava relacionada com o processo de modificação e modernização das estruturas sociais e econômicas vigentes no período. Entretanto, transformações mundiais e internas anunciavam novas necessidades, entre elas, a entrada de estrangeiros europeus e o fim da escravidão. Neste contexto histórico mais amplo encontravam-se Caxias do Sul, Juiz de Fora e suas diferentes experiências sociais. Enquanto em uma temos processo de colonização de terras “devolutas” e o incentivo à agricultura, noutra, a presença do imigrante é relacionada a atividades urbanas. Pensar como eram dadas a ver as escolas italianas nestes espaços geográficos diferenciados, comparando-os, permite compreender as singularidades e as interlocuções dos processos históricos educacionais.

1. Caxias do Sul (RS), imigrantes italianos, sociedade e imprensa

A vinda de imigrantes para a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul foi incentivada, durante o século XIX, como já referido, pelo governo imperial e provincial, com o objetivo de povoar as terras devolutas, bem como motivar a produtividade agrícola. Ao findar o século XIX, os italianos constituíram a maioria dos imigrantes que ingressavam Província. Recebendo terras na encosta da serra, tiveram como único auxílio garantido o lote vendido a crédito. O ideal de imigrante para as autoridades gaúchas era o agricultor casado, o qual, com mais facilidade, estabelecer-se-ia definitivamente e passaria a produzir para sustentar a família. No caso da colônia Caxias, fundada e colonizada a partir de 1875, o solo não era considerado dos mais férteis, mas possibilitava o cultivo de cereais.⁸ Ao chegarem em seus lotes, as famílias iniciavam de imediato a tarefa de construir um abrigo temporário e desmatavam uma área próxima para o início do cultivo. Estudando a formação econômica da região colonial, especialmente a de Caxias, Giron afirma que

[...] os produtores diversificavam suas atividades, dada a ausência inicial de dinheiro para o consumo, passando a produzir nas colônias os bens

⁸ RELATÓRIO DO MINISTÉRIO da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1876.

necessários para a sua sobrevivência, pequenos artesanatos [...] surgiram em todas as linhas e núcleos coloniais. O mesmo colono podia ser agricultor e sapateiro [...].⁹

Ocupados os lotes principais das linhas e travessões, em 12 de abril de 1884, através do Decreto nº 9182 a colônia Caxias foi elevada à condição de povoação comum e passou a ser administrada pelo município de São Sebastião do Caí, como distrito. No relatório do Ministério da Agricultura de 1888, a sede da Colônia Caxias é descrita como um local de grande prosperidade. A povoação de Santa Tereza de Caxias tinha o aspecto de uma cidade que se edificava e reedificava. A velha e primitiva casa de tábuas rachadas cedia espaço às construções mais aperfeiçoadas de madeira serrada, aplainada, falquejada, pintada e decorada; e esta, por sua vez, era substituída por modernas casas de pedra e cal, de tijolo, mista de madeira e pedra ou madeira e tijolo; a telha substituía o zinco, que havia substituído as tabuinhas (*scândoles*). Aos domingos, afirmava o relator, realizavam-se festas e milhares de pessoas, vindas da colônia e de fora (de cima da Serra, de São Sebastião do Caí e de outras localidades) animavam o povoado. Abria-se o teatro à noite e as bandas de música percorriam as ruas; os cafés, botequins, hotéis regozijavam; nos mercados vendiam-se os produtos do pombal, da leiteria, do pomar, da lavoura e os da pequena indústria - chapéus de palha, cadeiras rústicas, entre outros. Produtos como o vinho, os sacos com cereais, as aves, os ovos, os laticínios, o trigo, as viandas de gado suíno e de outros rebanhos, salames, salsichas, gêneros importados, de barro, obras de ferro feitas na colônia, rodas de fiar, fusos, obras de vime, trabalhos de indústria doméstica feminina, miudezas, produtos de diferentes espécies, tudo ali era vendido, trocado ou comprado. Era a feira. Na sede podia surgir uma ou outra alteração, mas, no geral, tudo se passava em paz e boa ordem, indo o feirante acabar o dia a dançar em seu travessão, ao som de uma gaita ou outra música barata e fácil de obter.¹⁰ O comércio não fechava aos domingos pela manhã e muitos colonos afluíam para a vila para assistir à missa, aproveitando para fazer também seus negócios.

Após a Proclamação da República, considerando as pressões e insatisfações

⁹ GIRON, Loraine. A formação econômica regional. **Enfoque - revista da Fundação da Região dos Vinhedos**, Bento Gonçalves, n. 63, p. 18 - 27, dez. 1986. p. 12

¹⁰ RELATÓRIO DO MINISTÉRIO da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1888. p. 75.

de comerciantes e industrialistas da Região Colonial Italiana, o General Candido José da Costa, Presidente da Província, elevou pelo Ato 257, de 20 de junho de 1890, a freguesia de Santa Tereza de Caxias a município, com a denominação de Caxias.

Importante salientar que a criação do município, o processo crescente de urbanização e industrialização promoveram melhorias nas estradas, construção de pontes e pontilhões, aberturas de vias nas zonas rurais, normatizações sobre a organização do perímetro urbano, cobrança de impostos e organização de códigos de postura. Passaram a ocupar-se também de questões até então pouco mencionadas: abastecimento de água potável, recolhimento de lixo e dos cabungos. Assuntos como higiene e salubridade local, educação, segurança, iluminação pública e desenvolvimento econômico passaram a ser discutidos e projetos encaminhados. Em 1895, foi instalado o telégrafo. Em 08 de julho de 1901 foi fundada a Associação Comercial de Caxias. Em 1906, a instalação da rede telefônica; em 1910, a construção da ferrovia ligando o município à capital; em 1913 chegou a energia elétrica. Surgiram bancos, clubes e cinemas... O isolamento regional começava a ter fim e o crescimento industrial, no período de 1913 a 1920, somado com as condições mundiais pós Primeira Grande Guerra, mudaram em definitivo a paisagem de Caxias. Na promoção dos produtos coloniais, foram organizadas exposições, como a Exposição Agropecuária de Caxias (1912) e a Exposição Agrícola e Industrial de Caxias (1913), com amostras de produtos de todos os municípios vizinhos. Eram o germe da Festa da Uva.

Com relação à imprensa, em Caxias circulavam jornais e periódicos como o *La Tribuna* e *La Patria de Roma* e aqueles impressos em São Paulo como o *Il Corriere della Domenica*, *La Tribuna Italiana* e *Il Fanfulla*, como relatou o professor e agente consular Humberto Ancarini em 1904.¹¹ Mas as tipografias locais não tardaram a surgir, com a produção de jornais e pasquins, impressos em italiano ou com sessões em dialeto e português e com finalidades diferenciadas, circulando intensamente no município e região. O primeiro jornal foi *O Caxiense* impresso em outubro de 1897, vinculado ao Partido Republicano e, como muitos outros que

¹¹ ANCARINI, Humberto. Relatório: A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil, 1905. In: DE BONI, Luis A. (Org.). **A Itália e o Rio Grande do Sul**. IV. Porto Alegre: EST, 1983. p. 58.

surgiriam, teve vida efêmera. Em janeiro de 1898, surgia o *Il Colono Italiano*, como resposta católica ao jornal *O Caxiense*, considerado veículo de informação dos maçons. As disputas políticas, religiosas e culturais marcaram presença nas páginas dos jornais e pasquins que circularam. Dentre esses, um dos jornais desses primeiros tempos que perdurou um pouco mais e atingiu considerável tiragem foi *O Cosmopolita*. De propriedade de Maurício Nunes de Almeida, assumia-se, já na capa, como ‘órgão defensor dos interesses da colônia’ e iniciou com tiragem de mil exemplares.

É nas páginas de *O Cosmopolita* que foram publicadas diversas matérias sobre as escolas vinculadas à Sociedade Italiana Príncipe de Nápoles. Em outros periódicos, as notícias também circulavam, mas em quantidade bem mais restrita. Assim, é importante considerar que uma forma de associação comum entre os imigrantes foi a criação das sociedades de mútuo socorro que ofereciam, de modo geral, proteção aos integrantes. Os nomes das sociedades lembravam algum herói italiano ou membro da Casa Real da Itália. Buscavam difundir o sentimento de italianidade com a comemoração das datas nacionais italianas, o culto à memória da família real e dos heróis da península, as campanhas para a arrecadação de donativos enviados para a Itália, a escolarização e a prestação de auxílio aos associados.

Em Caxias, a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Príncipe de Nápoles foi fundada em 1887, com o intuito de manter o prestígio da coletividade italiana e o ‘bom nome da Itália’, a cultura do sentimento patriótico, prestando aos associados auxílio material e moral. Possuía sede própria com escola italiana e outros espaços para conversa e estudo, para recreação e discussão. Em 1925 eram cerca de 400 sócios e promoviam anualmente festividades de integração e comemoração de aniversário,¹² que podem ser entendidas com as funções de intermediar e preservar os laços com a pátria de origem - *italianità*.

¹² CROCETTA, Benedetto. Un cinquantennio di vita coloniale. In: **Cinquantenario della colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud: 1875 - 1925**. 2ª ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000. p. 357 - 462 (fac-símile de 1925). v. 1. p. 376; 377.

1.1. Educação e escolas

Em Caxias e região, os imigrantes e descendentes tiveram acesso a três tipos principais de escolas: as escolas públicas (municipais e estaduais), as confessionais e as escolas étnico-comunitárias. No caso das últimas, elas surgiram pela necessidade e absoluta ausência de iniciativas em maior número, nos primeiros anos, por parte do poder público. Diferenciam-se já que as escolas étnico-comunitárias rurais eram aulas em que a pessoa da comunidade que ‘mais sabia’ assumia a docência, ensinando as noções básicas de escrita, leitura e cálculo. E, na maioria dos casos, o catecismo. Já aquelas localizadas na área urbana, em geral, foram resultado do empreendimento das Sociedades de Mútuo Socorro. Com relação às escolas, em 1908, descreveu o cônsul De Vellutis

Nos centros urbanos e nas sedes das colônias rurais, essas escolas são mantidas pelas Associações Italianas ou melhor, surgem sob seus auspícios. No mínimo, são as associações que fornecem o local e os móveis e utensílios necessários. Nas colônias, entre as linhas que não contam com escolas brasileiras, os nossos compatriotas procuram sustentar as próprias custas, uma pequena escola para seus filhos, confiando-a a algum colono mais instruído do lugar. Existem também algumas associações de fabriqueiros de várias capelas das linhas que se esforçam em manter abertas pequenas escolas italianas. Em geral, pode-se afirmar, com certa satisfação que, os nossos compatriotas têm amor à sua escola italiana. Mas os sacrifícios que eles fazem não são suficientes e tem que lutar com grandes dificuldades para conceder uma remuneração para eles sempre pesada, aos professores que são mais pobres do que eles. Afora poucas, a maior parte das nossas escolas tem uma vida difícil. Elas atravessam, enfim, neste momento um período muito crítico. Por um lado, a crise econômica, agravada pelas recentes calamidades, colocou muitos colonos numa situação de miséria. Por outro lado, soma-se a isso a invasão de congregações francesas que, expulsas de seu país, vieram refugiar-se nesse Estado, instalando nas colônias escolas para ambos os sexos, as quais fazem grande concorrência às nossas, porque admitem gratuitamente alunos pobres, cobrando apenas dos que podem pagar.¹³

De Vellutis sinaliza para as dificuldades das escolas ditas italianas e para o trabalho ali realizado. O ensino era em italiano (em geral dialetos como o vênето) e, em alguns períodos, as escolas receberam material didático do Governo Italiano. Ressalta-se que os imigrantes falavam os dialetos maternos de suas respectivas

¹³ DE VELLUTIS, Relatório do Cav. Francesco. Régio Cônsul de Porto Alegre. **O Estado do Rio Grande do Sul e a Crise Econômica durante o último quinquênio**. Fevereiro de 1908. p. 348; 350.

regiões de origem, conheciam mal o italiano, o que, de certa forma, dificultava, inicialmente, o uso dos livros didáticos.

Entre os anos de 1891 e 1896, assumiu como agente consular, em Caxias do Sul, Domenico Bersani, tendo sido também Inspetor Escolar oficial das escolas de língua italiana existentes nas léguas que constituíam Caxias.¹⁴ A importância do professor como elemento de ligação entre os imigrantes, a cultura e língua italianas foi reconhecida pelo governo da Itália que, no final do século XIX, designou o professor-agente, com o objetivo de fazer a ligação entre os imigrantes e as autoridades consulares italianas.¹⁵ Umberto Ancarini e Luigi Petrocchi foram professores e agentes consulares enviados da Itália para Caxias e Bento Gonçalves. Bagé, Porto Alegre e Alfredo Chaves foram municípios que também receberam professores com formação e que assumiam a tarefa de agentes consulares, concomitantemente. Coube ao Cônsul Ciapelli coordenar os primeiros anos de trabalho dos professores e agentes consulares locais. Tal situação foi fartamente anunciada no jornal *O Cosmopolita*:

O nosso amigo José Chiaradia, presidente da sociedade Operária Príncipe de Nápoles, recebeu um ofício do Sr. Agente Consular do Reino da Itália nesta vila, comunicando-lhe que já seguiu de Porto Alegre o Sr. Ancarini que aqui vem substituir aquele agente e exercer o cargo de professor a expensas do governo da Itália.¹⁶

Na mesma edição, mas publicado na seção italiana, anunciava-se novamente:

Provisão para nossas escolas coloniais. O Régio Ministério dos Fazeres Exteriores comunicou ao Cônsul Cav. Ciapelli que partiram para a Capital [Porto Alegre] o professor Ancarini e o Sr. Mantovani. Este será destinado para agente consular com o encargo de ensinamento em Alfredo Chaves. O professor Ancarini será destinado do Real Consulado para a colônia Caxias. O mesmo Ministério informou ao Cav. Ciapelli que decidiu enviar um professor para a escola de Bagé e um outro para a nova escola de Porto Alegre, dependente da União Meridional Vittorio Emanuele III. [tradução nossa].¹⁷

¹⁴ ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul: 1864 - 1970**. 2ª ed. Caxias do Sul: Paulinas, 1971. p. 22.

¹⁵ DE BONI, Luís A. **Bento Gonçalves era assim**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Correio Riograndense; Bento Gonçalves: FERVI, 1985. p. 71.

¹⁶ O COSMOPOLITA, 12 jun. 1904.

¹⁷ Idem.

O envio de diversos professores italianos para escolas mantidas por associações no Rio Grande do Sul é foi noticiado e celebrado como iniciativa especial. O professor Ancarini conhecia grego, francês e tinha formação. Ele chegou a ser premiado pela publicação do livro *Novo Método para o Ensino da Língua Italiana* (para alunos gregos). O livro fora escrito na época em que Ancarini atuara como professor de italiano em um ginásio na Grécia, antes de ser enviado para o Brasil. Um importante detalhe é que sua nomeação, inicialmente, era para atuar em Alfredo Chaves, mas chegado em Porto Alegre foi destinado pelo consulado para Caxias, “querendo aliar a importância do nomeado à do local.”¹⁸

No mês de julho de 1904, foram feitos vários anúncios pela Sociedade Príncipe de Nápoles acerca do funcionamento da nova escola italiana, sita em sua sede. Era destinada aos meninos e teria como professor principal Umberto Ancarini. Publicava, também, as disciplinas a serem ministradas:

A partir do endereçamento do Cav. Enrico Ciapelli, Cônsul da Itália, que tanto preza em seu coração a instituição das escolas italianas nas colônias do Rio Grande do Sul, o Governo Italiano aderindo também ao interesse da Sociedade Operária Príncipe de Nápoles que sempre procurou para instituir uma escola italiana em Caxias, que enviava como encarregado da dita escola o Prof. Cav. Umberto Ancarini. Se traz ao conhecimento dos habitantes desta vila que no próximo mês será aberta a Escola Italiana Masculina de grau inferior e superior na sede da sociedade anteriormente nominada, que com patriótico sentimento, é seu promotor. O ensinamento compreenderá das seguintes matérias: Língua italiana. Língua portuguesa. Língua francesa. História Italiana e Brasileira. Geografia. Matemática. Geometria. Desenho. Caligrafia. Canto. Ginástica e exercícios militares. As inscrições dos alunos serão recebidas todos os dias pelo Sr. Mario Marsiay secretário da Sociedade Príncipe de Nápoles.[tradução nossa].¹⁹

Ensino de 3 idiomas, desenho, canto, ginástica, exercícios militares, entre outras matérias. Portanto, um currículo muito diferente daquele das escolas italianas rurais. Cabe ressaltar que Ancarini dava aula para os meninos e esposa, Iró Ancarini para as meninas. Esse fato também foi anunciado pelo jornal *O Cosmopolita*: “[...] escola privada italiana feminina, foi aberta em sua própria residência pela senhora Iró Ancarini, e conta já, após 3 meses, com 18 alunas,

¹⁸ O COSMOPOLITA, 26 nov. 1904.

¹⁹ O COSMOPOLITA, 17 jul. 1904.

pertencentes às melhores famílias locais”.²⁰

A escola mantida pela sociedade cobrava mensalidade, mesmo dos filhos dos associados. Os valores a serem pagos, os diferentes graus de ensino e, novamente o currículo, foram noticiados:

Sociedade Operária de M. S. P. de Nápoles - A Sociedade traz ao conhecimento dos sócios e dos habitantes de Caxias que no dia 8 de agosto próximo será aberta a Escola Masculina, dirigida pelo Prof. Cav. Umberto Ancarini. O ensinamento na dita escola será de grau inferior e superior compreenderá das seguintes matérias: Língua italiana, portuguesa e francesa - História Italiana e Brasileira - Geografia - Matemática - Geometria - Desenho - Caligrafia - Canto - Ginástica e exercícios militares. A taxa mensal a pagar-se é a seguinte: 1ª. Classe Elementar - Rs. 1\$500 por filho dos sócios e 2\$ para os não sócios. 2ª. Classe Elementar - Rs.1\$500 por filho dos sócios e 2\$ para os não sócios. 3ª. Classe Elementar - Rs. 2\$000 por filho dos sócios e 2\$500 para os não sócios. CURSO SUPERIOR - Preços a serem combinados com os pais segundo o curso. Quanto antes, será aberto um Curso Noturno para os adultos com ensino das seguintes matérias: língua italiana, gramática, aritmética e caligrafia. A taxa mensal pelo ensinamento, que será ensinado três vezes por semana, em dias que serão combinados, é de Rs. 2\$000; e para aqueles que desejam também aprender Desenho, a taxa será de Rs. 3\$000. As inscrições são recebidas todos os dias pelo Secretário da Sociedade. Caxias, 26 de julho de 1904. Giuseppe Chiaradia - Presidente. Mario Marsiay - Secretário. [tradução nossa].²¹

Além da aula diurna foi oferecida outra oportunidade para aqueles que desejassem se alfabetizar - o ensino noturno, para adultos. Chamam atenção, também, as matérias a serem ensinadas, incluindo o desenho e o ensino de três idiomas - o italiano, o português e o francês. Em início de agosto, a Sociedade publicou novamente anúncio sobre o Curso Noturno no *O Cosmopolita*.²²

Ancarini mostrou-se um professor dedicado já que mesmo em sábados e domingos não se privava de ensinar, oferecendo oportunidade para os adultos mais pobres, que desejassem aprender a ler. É no *O Cosmopolita* que localizamos o anúncio em que se dizia: “A Sociedade traz para o conhecimento dos sócios e não sócios que o prof. Cav. Umberto Ancarini nos dias festivos dará gratuitamente na sede social um curso de leitura de língua italiana para os adultos”.²³ Os anúncios e

²⁰ O COSMOPOLITA, 31 jul. 1904.

²¹ O COSMOPOLITA, 31 jul. 1904.

²² O COSMOPOLITA, 06 ago. 1904.

²³ O COSMOPOLITA, 27 ago. 1904.

a diversidade de possibilidades poderia incitar a interpretação de que o Professor Ancarini estivesse encontrando dificuldades em amealhar alunos para suas aulas. Mas é o próprio Ancarini, em relatório de 1905, que narra que “[...] na vila abriu-se há oito meses uma escola masculina italiana, com sede na Sociedade Príncipe de Napoli, contanto atualmente com 25 inscritos”.²⁴ E, no mesmo relatório, registrou observações pessoais sobre a instrução na Região, especialmente em Caxias. Segundo ele, o governo do Estado provia o melhor que podia a instrução nos municípios. Eram mantidas 20 escolas mistas, dispersas pelas diversas linhas, frequentadas por alunos que não distassem mais de meia hora a cavalo do local da escola. O município de Caxias mantinha outras 4 escolas rurais, onde ensinavam a língua portuguesa. Informava que a população escolar pública era, em média, de mil alunos e que o governo fornecia gratuitamente às escolas livros e material escolar. Ao visitar colonos nas diversas léguas, o referido professor falara com os mesmos e buscara persuadi-los da importância da escola. E constatou que

[...] muitos desejariam vivamente ter uma escola, dirigida por algum colono, para dar aos filhos um pouco de instrução. E não seria difícil encontrar nos diversos travessões alguém que se encarregasse do ensinamento do italiano, dando-se-lhe, naturalmente, uma pequena retribuição mensal, que seria paga pelos alunos. Seria preciso, também dar aos alunos um subsídio em livros, cadernos e penas e uma recompensa ao final do ano, a título de encorajamento.²⁵

Ancarini sugeriu que o governo italiano subsidiasse tais iniciativas, multiplicando a rede de escolas que ensinassem o italiano. Foi uma preocupação do professor a falta de proximidade nas relações, inclusive, comerciais da Itália com o “próspero estado sulino onde tantos compatriotas haviam se estabelecido e progrediam”.²⁶ Em tempos já passados, registrou Ancarini, teria havido muitas outras iniciativas de escolas italianas empreendidas pelos colonos, mas que tiveram vida breve, seja pela falta de apoio ou de material escolar.

Na prática, a expansão das escolas públicas, gratuitas e com ensino do português, aos poucos foi se sobrepondo e no caso de Caxias, em particular,

²⁴ ANCARINI, Humberto. Relatório: A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil, 1905. In: DE BONI, Luis A. (Org.). **A Itália e o Rio Grande do Sul. IV**. Porto Alegre: EST, 1983. p. 57.

²⁵ Ibidem. p. 56.

²⁶ Ibidem. p. 57.

ganhando ênfase ao lado das escolas confessionais, em detrimento das escolas étnicas, que em 1910 já haviam, praticamente, desaparecido.

2- Juiz de Fora (MG): imigrantes italianos, sociedade e imprensa

A imigração oficial mineira, ou seja, subvencionada pelo Estado, teve a duração de doze anos no período imperial de 1867 - 1879, conforme descreve Monteiro.²⁷ Não alcançando os objetivos estabelecidos, foi retomada na década de 1880 pela edição de várias leis e regulamentos que culminaram com novas tentativas para a introdução de imigrantes.

Essas ações viabilizaram a política de imigração em Minas Gerais no fim do período imperial, com a criação do Serviço de Imigração e Colonização, da Inspetoria-Geral de Imigração e da Hospedaria de Imigrantes em Juiz de Fora, demonstrando o investimento da província neste setor e lançando aquelas que seriam as diretrizes encontradas pelos governos republicanos.

Monteiro²⁸ e Oliveira²⁹ estudaram em suas pesquisas o movimento de entrada e saída de imigrantes da Hospedaria Horta Barbosa, de Juiz de Fora, para o período de 1894-1906. Os anos de maior fluxo imigratório registrados foram os de 1896-1897 e dentre as diferentes nacionalidades que aqui aportaram, “cerca de 90% vieram da Itália, seguido depois de 3% de espanhóis.”³⁰

A análise de Oliveira³¹ correspondente ao período de 1896-1906 identificou que de um total de 24.512 imigrantes saídos da hospedaria, cerca de 2.804 tiveram como destino o município de Juiz de Fora, ou seja, 1.253 para a zona rural e 1.551 para a zona urbana, para a cidade. O dado importante, é que a maior parte destes imigrantes se fixou na zona urbana espontaneamente, o que significa dizer que vieram em busca de oportunidades para o trabalho na cidade.

Nos anos iniciais da República em Minas, a política de educação assumiu uma dinâmica que se movimentou entre as propostas de remodelação do ensino

²⁷ MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e Colonização em Minas 1889-1930**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973.

²⁸ Idem.

²⁹ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)**. Niterói, 1991. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1991.

³⁰ Ibidem. p. 107.

³¹ Ibidem.

dadas pelas constantes e nem sempre bem sucedidas reformas educacionais. A constatação de que a instrução pública necessitava ser radicalmente transformada remontava aos Relatórios dos Presidentes da Província.

No conjunto da legislação, a leitura relativa ao ensino particular e o ministrado por associações, destacou que estes estabelecimentos estariam sujeitos à fiscalização das autoridades da instrução do Estado no que dizia respeito à moralidade, estatística e higiene, podendo ser livremente exercido. Assim, a ação do Estado deveria se limitar à fiscalização de algumas condições, sendo este ensino exercido livremente desde que a moralidade, a higiene e a estatística estivessem nos padrões exigidos pelas autoridades estaduais.

Se as muitas histórias se desenvolveram nas variadas tramas do tecido social mineiro, Juiz de Fora se constituiu em um cenário plural para os grupos de imigrantes. A cidade, em seu crescimento e diversidade, contava com o funcionamento de diversas escolas, em um panorama que congregava diferentes níveis de ensino e a instrução pública – municipal e estadual – muitas instituições particulares, escolas vinculadas às religiões católica e protestante, além de escolas italianas e alemãs e diversas sociedades. Em 1892, o Almanak de Juiz de Fora apresentava a cidade e seus empreendimentos, suas gentes, associações, beneméritos, serviços, bancos etc. A descrição dos serviços e do progresso da cidade, orgulho do almanaque, contemplava também os serviços filantrópicos e de atenção à pobreza, mostrando, pelo elogio à benemerência, a existência de uma população pobre, que, a julgar pelo número de entidades e serviços, não era pequena. A existência de investimentos, bancos, sociedades anônimas com grande capital subscrito, e cifras vultuosas em transações bancárias e comerciais, convivia com uma pobreza socialmente demarcada e grandes contrastes sociais.

A tessitura educacional em Juiz de Fora, para o final do século XIX, além das escolas particulares citadas pelo Almanak de 1892, era constituída pelas escolas públicas estaduais e municipais. Além dos almanaques e álbuns publicados na cidade, as publicações nos jornais contemplavam com especial atenção a educação e quase sempre eram acompanhadas de comentários e discussões.

A inscrição da educação nas páginas do Jornal do Comércio foi feita ao longo do tempo, ora com o intuito de refletir, defender ou criticar atos do governo,

muitas vezes em matérias sobre as demandas da instrução, noutras sobre os métodos e os progressos da educação em diferentes países. Fato é que, a progressista Juiz de Fora e suas modernas instituições, não poderiam ficar à margem da evolução dos processos sociais, educacionais e políticos.

Neste contexto, a vida social, os imigrantes e as escolas constituíram-se em objetos de matérias veiculadas nos impressos e de estudos sobre a cidade. Em relação aos italianos, Christo³² percorreu a trajetória de seu movimento associativo em Juiz de Fora, anterior a 1888, demonstrando a existência de um significativo número de italianos na cidade, bem como de associações a eles relacionadas.

Dentre estas, a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, ou Sociedade Umberto Primo, como ficou conhecida, tinha por finalidade o mútuo socorro, a beneficência e a instrução. Esta Sociedade era aberta aos brasileiros que tivessem o perfil exigido e que fossem convidados por um associado a participar, mas não admitia analfabetos. Sobre esta sociedade, Casarin informou que em 1889 começou a funcionar a escola italiana "por iniciativa de Alfonso Colucci, um relojoeiro italiano e tesoureiro da Sociedade Umberto I, e as aulas eram dadas pelo italiano Eugenio Villani. Esta Sociedade era formada em grande parte por negociantes italianos bem sucedidos da cidade de Juiz de Fora."³³

A existência desta Escola, vinculada à Sociedade Italiana Umberto Primo datada de 1889, precedeu a fundação da Escola Italiana Regina Margherita, por Amália Ongaro de Battisti em 1892. Isso demonstra que, em 1892, já havia demanda para duas escolas italianas em Juiz de Fora. Neste contexto, a população atendida pela escola Regina Margherita era oriunda das camadas mais populares, em sua maioria filhos de trabalhadores.

Das publicações sobre a Sociedade Italiana no Jornal do Comércio, sobre suas atividades e festas, observamos que geralmente contavam com a participação dos alunos das escolas Umberto Primo e Regina Margherita. Contavam ainda com uma Sezione Italiana criada neste jornal em 15 de fevereiro de 1901, e publicações

³² CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Italianos: trabalho, enriquecimento e exclusão. *In*: BORGES, Célia Maia (Org). **Solidariedades e conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2000.

³³ CASARIN, Heliane. Juiz de Fora, 2008. Entrevista concedida a Maysa Gomes Rodrigues.

de crônicas e matérias sobre as datas nacionais e acontecimentos italianos, muitas vezes no idioma italiano, como no 20 de setembro, que se desdobrava em solenidades e diversas manifestações festivas em Juiz de Fora.

As relações diplomáticas (com as representações da Itália na cidade, no Brasil e na Itália), faziam parte destas publicações, inclusive destacando a participação de vários agentes diplomáticos nos eventos da Sociedade e na promoção destes. Encontramos também festas alusivas ao aniversário da Constituição Italiana³⁴ e a reprodução, na íntegra de discurso proferido por Enrico Ferri na Câmara dos Deputados da Itália na discussão sobre o orçamento das Relações Exteriores, tratando da emigração para a América do Sul e para o Brasil.³⁵

Esses apontamentos demonstraram uma dinâmica social da associação Umberto Primo, que dentre os valores e laços culturais de uma pátria distante, conseguiu a aproximação desta no compartilhamento de uma nacionalidade que foi reconhecida, dentro e fora do grupo, pelos eventos e pela participação desta sociedade na vida cultural juiz forana. Tudo isso mediado pelas apresentações dos alunos das escolas italianas.

2.1 Educação e escolas

O conjunto das fontes analisadas nos permitiram traçar um perfil da Escola Italiana Regina Margherita, que entre os anos de 1894 e 1898 atendeu a mais de 100 alunos por ano, dos quais muitos eram nascidos na Itália. Além do ensino elementar, era dotada de aula noturna e um asilo infantil, pois muitas mães italianas eram trabalhadoras. A Escola Regina Margherita recebia material didático do governo italiano, como outras escolas vinculadas a Associações Benéficas.

No final do século XIX para o início do XX houve uma progressiva redução do número de alunos, que passou de uma média de 100 alunos por ano para 62 alunos em 1900 e 64 em 1901. Outro aspecto relevante é que, embora fosse facultada ao Estado a fiscalização das escolas particulares, esta escola contava com seu inspetor e inspetora, respectivamente, Joaquim Magrini e d. Maria Luiza Longhi.

³⁴ JORNAL DO COMÉRCIO, 01 jun. 1902.

³⁵ JORNAL DO COMÉRCIO, 24 jun. 1909.

Em entrevista realizada com Casarin,³⁶ obtivemos algumas informações sobre a escola Umberto Primo. De suas características mais importantes, a localização, o funcionamento e o ensino, Casarin afirma que: “A Escola ficava dentro da Sede da Sociedade. Inicialmente funcionou nos turnos da manhã e tarde, oferecendo aulas de Italiano, Francês, Geometria, Geografia, Aritmética, Caligrafia, História Antiga e Moderna”.³⁷ Acrescentou ainda que

Era uma escola particular, mista e freqüentada tanto por filhos de membros da Sociedade Umberto I, como por filhos de italianos operários, sapateiros, alfaiates etc. Digo isso porque em 1910, aproximadamente, a Professora e Diretora Teresa Ermínia Breviglieri reclama de inadimplência e ressalta que tem aluno muito pobre que não paga.³⁸

Era, portanto, uma escola particular, que, como a escola Regina Margherita recebia auxílio do governo Italiano, nos moldes de outras escolas vinculadas às associações, e seu funcionamento dependia destes auxílios e do pagamento de contribuições, como se dá a ver.

Uma outra forma de escolarização das crianças filhas de imigrantes italianos se fez presente no município foram as aulas em fazendas, sobre as quais encontramos anúncios nos jornais, como no caso da Fazenda Boa Vista, ministradas por um professor italiano e com características étnicas. Isso indicou que os modos de instrução das crianças filhas de imigrantes em Juiz de Fora foram tão diversificados quanto a cidade.

As poucas notícias sobre as escolas italianas encontradas no Jornal do Comércio, nos anos 1905 e 1907, foram relativas aos exames escolares. Em solenidades realizadas no teatro e presidida pelo Conde Siciliani de Monreali, com a presença de autoridades civis e militares, além da imprensa, onde foi feita a distribuição de prêmios aos alunos das escolas Regina Margherita e Umberto Primo. Outras informações elucidaram a realidade das escolas italianas de Juiz de Fora no período de 1908 e 1910. Dentre elas, o número de alunos de 1908, que era, para a escola Regina Margherita de 37 alunos e para a Escola Umberto I era de 57

³⁶ CASARIN, Heliane. Op. Cit.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

alunos. Em 1910, para a escola Umberto I eram 50 alunos inscritos, 23 do sexo masculino e 27 do feminino e a frequência era de 35 alunos. Estes dados demonstraram o declínio do número de alunos.

3- Processo educacional, processo social: sociabilidades e visibilidades

A organização das escolas italianas e suas experiências sociais nos permitem o estabelecimento de algumas relações para as cidades de Juiz de Fora e Caxias do Sul, especificamente no que tange à escola Umberto Primo, vinculada à Sociedade Italiana.

Havia uma uniformidade na estruturação das escolas, com pequenas distinções entre as matérias lecionadas. Quando analisamos o ensino de línguas, observamos que o ensino do italiano, francês e português, foi característico da Umberto I de Juiz de Fora e da Escola Italiana de Caxias do Sul. Para outras disciplinas, podemos distinguir a História, que na escola de Caxias do Sul compreendia História Italiana e Brasileira, na Umberto I era História Antiga e Moderna.

Diferenciavam-se ainda Canto, Desenho, estas duas matérias não foram elencadas para a escola Umberto Primo de Juiz de Fora. No entanto, considerando as apresentações feitas pelos alunos de peças teatrais, inclusive de ópera e cantos diversos, declamações de poemas clássicos, nas festividades da Sociedade Umberto I em Juiz de Fora, podemos depreender que noções educação artística, incluindo de canto e artes, estivessem presentes na organização da escola. Em relação à Ginástica e exercícios militares, consideramos que a escola de Caxias do Sul se tratava de uma escola para o sexo masculino.

Quanto à organização das classes, a diferenciação é menor, pois a estruturação da Escola Umberto I apresentou as classes 4^a, 3^a, 2^a e 1^a e 1^a superior e inferior; e a Escola Italiana de Caxias do Sul, a 1^a, 2^a e 3^a, explicitando que o “ensinamento na dita escola será de grau inferior e superior”. Neste sentido, entendemos que havia nestas escolas dois graus de ensino distintos - inferior e superior, e que estes eram divididos em números de classes correspondentes às matérias lecionadas em cada uma.

As experiências educacionais dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul,

uma das formas de educação para as crianças nas áreas rurais, foi a criação de “aulas” com a contratação de professor para ensinar os conhecimentos elementares de leitura, escrita e cálculos. Outras características que apresenta a partir do depoimento de um imigrante, que eram escolhidas as pessoas mais aptas da comunidade para que ensinassem a leitura, a escrita e a fazer contas e, portanto, não eram professores formados.

Ao compararmos com a escola da Fazenda Boa Vista em Juiz de Fora, podemos afirmar que esta se distingue do que foi descrito, na medida em que receberam material didático, e, a atuação do professor demonstrou o nítido objetivo de “‘inculcar’ nos pequenos italianos seus alunos, filhos de camponeses da Fazenda, o amor ao estudo da língua italiana”, e não apenas a escrever, ler e contar, numa clara demonstração de preservar e difundir a cultura de sua terra natal, o que ressaltou a sua característica de *étnica*.

No entanto, a escola Umberto Primo era vinculada e funcionava na Sociedade Italiana de mesmo nome. Kreutz nos auxilia a compreensão de sua estruturação quando esclarece que estas escolas étnicas vinculadas a associações de mútuo socorro eram:

escolas laicas, geralmente de boa qualidade, em que também eram aceitos alunos não pertencentes ao grupo que mantinha a escola. O currículo, além de atender às exigências nacionais, era complementado por aspectos da cultura do respectivo grupo étnico, ficando o mais próximo possível ao currículo praticado no país de origem. Essas escolas eram em número reduzido, normalmente não passavam de uma ou duas nos centros urbanos maiores, com um número suficiente de imigrantes para mantê-las.³⁹

Entendemos assim, que o curso elementar apresentava essas características nas duas escolas, Regina Margherita e Umberto Primo, e em relação à proximidade da cultura do grupo étnico, conforme Kreutz analisa, as descrições das festas e eventos com a participação dos alunos das escolas, não deixam dúvida desta relação. Mesmo porque, em Juiz de Fora, os grupos organizados de imigrantes ganharam as páginas dos jornais e as ruas da cidade, com seus artigos publicados,

³⁹ KREUTZ, manuscrito, p. 2 *apud* LUCHESE, Terciane Â. Imigrantes italianos e suas escolas no Rio Grande do Sul, Brasil. In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Porto. *Anais...* Porto: s.n, 2008. p. 3.

festejos e eventos, inclusive religiosos. Não podemos esquecer que, se essa visibilidade dos italianos era tão nítida nestas escolas, o mesmo não aconteceu com os filhos de italianos que frequentavam as escolas públicas até a implantação dos grupos escolares.

A partir de 1908, os exames dos grupos escolares em Juiz de Fora tornaram-se eventos concorridos, à altura da instituição que promoviam. Constituíram-se em um elemento que reforçava a aposta na Reforma da educação e nos grupos, implementada em 1906, como caminho acertado para a instrução do povo.

A realização dos exames escolares, além da visibilidade dada ao processo educacional, demarcava individualmente uma construção coletiva, ou seja, expressava os resultados da ação do governo que cuidava da instrução e de seus cidadãos. Um governo republicano, enfim, premiando e divulgando o promissor caminho da instrução, pela difusão do ensino elementar.

Por isso, a importância da festa. Se antes na cidade uma expressão das escolas italianas, a *Festa Escolar* foi oficialmente instituída para ser realizada na data da Proclamação da República, e noticiada pelo Jornal do Comércio de 16 de agosto de 1905. Esta festa aconteceria após a realização dos exames, onde alunos e professores seriam premiados, traduzindo a visibilidade de um governo que queria demonstrar sua proximidade e sua preocupação com a educação e por ela, abraçava alunos e professores por meio da premiação.

Sobre estes exames, na medida em que constam os nomes de alunos, foi possível identificar alguns dos sobrenomes italianos. Identificamos nos exames do ano de 1910, no exame de 12 classes, a presença de cerca de 50 alunos que exibiam sobrenomes nitidamente italianos.⁴⁰

Nos exames de 4 classes no dia 18 de novembro do mesmo ano, contabilizamos 17 alunos com sobrenomes italianos.⁴¹ Na continuação da publicação destes exames em 23 de novembro, foram publicados os resultados de exames de mais 4 classes e identificamos com sobrenomes italianos cerca de 26 alunos.⁴²

⁴⁰ JORNAL DO COMÉRCIO, 19 nov. 1910.

⁴¹ JORNAL DO COMÉRCIO, 22 nov. 1910.

⁴² JORNAL DO COMÉRCIO, 23 nov. 1910.

Isso mostrou a disseminação das crianças italianas nas escolas públicas de Juiz de Fora, particularmente nos grupos escolares. Nesse ínterim, novamente uma semelhança com Caxias, já que a maioria dos alunos que frequentavam as escolas públicas era de ascendência italiana.

Pensamos que em fins do século XIX, o atendimento de grande número de crianças filhas de italianos pelas escolas Regina Margherita e Umberto Primo, determinou a invisibilidade destes nas escolas públicas. No entanto, a consolidação da instrução pública bem como a adaptação à nova pátria foram fatores que podem ter determinado a redução do número de alunos das escolas étnicas e particulares e a maior frequência às escolas públicas.

A partir de 1904, como uma tendência, começamos a perceber o surgimento de sobrenomes italianos nas atas de exames publicadas, e constatamos para 1910, o aumento destes sobrenomes nos exames dos grupos escolares, além da ausência de publicações sobre as escolas Regina Margherita e Umberto Primo. Em relação a esta última, deparamos com uma situação muito diferente da encontrada no início da pesquisa, ou seja, com uma situação de crise. Um dos fatores declarados era a transferência dos alunos para os grupos escolares e a baixa frequência dos alunos filhos de imigrantes italianos.

Não sem motivos, entre os alunos que haviam concluído o curso nos grupos escolares, nos exames de 1909, identificamos sobrenomes como Colluci e Picorelli.⁴³ Já entre os alunos aprovados nos exames dos grupos escolares, encontramos sobrenomes como Fortini, Arcuri, Vilani, Falci, Notaroberto, Donnarumma, Picorelli.⁴⁴ Estes sobrenomes estavam vinculados à fundação da Sociedade Umberto Primo e à participação em suas diversas atividades ao longo do período estudado. No Arquivo Público Mineiro, identificamos na série *Papéis Findos*, da 6ª Seção para o ano de 1912, alguns papéis administrativos da Diretoria dos Grupos Escolares de Juiz de Fora, e neles, uma relação dos melhores alunos do 2º Grupo Escolar desta cidade, onde constavam os sobrenomes Picorelli, Fortini e Toschi. No caso de Caxias, as famílias mais enriquecidas – de imigrantes e descendentes – encaminhavam seus filhos para as escolas da capital gaúcha e

⁴³ JORNAL DO COMÉRCIO, 30 jan. 1910.

⁴⁴ JORNAL DO COMÉRCIO, 22 e 23 nov. 1910.

noticiavam, por vezes em primeira página, o excelente desempenho obtido.

A notoriedade da instituição Grupos Escolares com toda a carga de novidade e propaganda que os cercaram, fizeram com que adquirissem centralidade como a aposta republicana na reforma da instrução em Minas, tornando-se o espaço visível da civilização e do progresso e, também, um espaço de partilha, entre o governo e seus cidadãos, pelas festas e prêmios escolares. A aposta do governo do Estado na instrução pública primária gerou prestígio e instituiu uma modernidade pedagógica capaz de atrair as camadas médias e mais abastadas da população, até mesmo de imigrantes, àqueles espaços inovadores.

Os Grupos Escolares se instalaram na cidade de Juiz de Fora, e em sua trajetória levou a população urbana para suas salas de aula. Nesta população, um significativo número de alunos descendentes de italianos. Era esse talvez, o caminho republicano que mais de perto falava à causa: o “remodelamento social pelo ensino primário racionalmente distribuído”, integrando os imigrantes, pela educação, à nacionalidade brasileira. No caso gaúcho, especialmente para Caxias, a instalação do Colégio Elementar José Bonifácio foi o marco no sentido de escola graduada, que a partir de 1912, inclusive, ocupou a sede da Sociedade Príncipe de Nápoles para suas atividades.

Considerações Finais

Um elemento importante em relação à colonização em Minas é que esta se construiu com características étnicas de menor impacto, pois, a presença de elementos nacionais nas colônias foi registrada desde o Império, ou seja, as colônias em Minas não foram constituídas exclusivamente por estrangeiros. Isso indicou um outro tipo de relação entre eles e a sociedade, onde a manutenção dos laços culturais encontrava outro lugar específico, que não o lugar geográfico de seu estabelecimento. Não obstante as iniciativas governamentais, igrejas e associações apareceram como lugares sociais em que se desenvolveram sociabilidades, inclusive a promoção da escolarização de crianças filhas de imigrantes. No caso do Rio Grande do Sul, apesar da fixação de imigrantes italianos também na capital, a maioria foi direcionado para a colonização de núcleos em que tornaram-se predominantes, mas isso não impediu que o desejo de aprender o português que

facilitava as atividades econômicas se sobrepusesse a outros sentimentos de pertencimento étnico.

No contexto de movimentação da instrução pública mineira rumo à remodelação do ensino, as escolas particulares italianas continuaram em sua atuação social e na instrução, e com notícias mais escassas nos jornais a partir da instalação dos grupos escolares pela Reforma educacional de 1906.

Temos, portanto, importantes distinções sobre os imigrantes italianos radicados em Juiz de Fora, que nos ajudam a compreender as sociabilidades criadas nesta cidade enquanto organizações de grupos que mantinham uma certa etnicidade. No entanto, no trato sobre essa questão, podemos perceber que a diferenciação social por meio do trabalho, implicou em determinados tipos de inserção na sociedade e o estabelecimento de relações diferenciadas dentro das mesmas nacionalidades, onde a etnicidade não foi capaz de superar a distinção social.

Quando consideramos as políticas empreendidas pelo governo gaúcho, de forte inspiração positivista, a educação primária pública recebeu dois tipos de investimentos principais: subvenção de professores e investimento na instalação de colégios elementares, com ensino graduado. Caxias e região, demandaram as escolas públicas, gratuitas, com ensino de português e as escolas étnicas foram sendo suprimidas já na década de 1910. No caso da classe social abastada e emergente de Caxias, os filhos eram encaminhados para estudarem em escolas confessionais, prioritariamente na capital gaúcha.

Referências

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul: 1864 - 1970**. 2ª ed. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.

ALMANAK DE JUIZ DE FORA. **Juiz de Fora**: Leite Ribeiro e Companhia, 2º ano, 1892.

ANCARINI, Humberto. Relatório: A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil, 1905. In: DE BONI, Luis A. (Org.). **A Itália e o Rio Grande do Sul**. IV. Porto Alegre: EST, 1983.

CASARIN, Heliane. **Banco de dados sobre a imigração italiana em Juiz de Fora e**

Zona da Mata Mineira. Juiz de Fora, 2008. Não publicado.

CASARIN, Heliane. Juiz de Fora, 2008. Entrevista concedida a Maysa Gomes Rodrigues.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Italianos: trabalho, enriquecimento e exclusão. *In: BORGES, Célia Maia (Org). **Solidariedades e conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora.*** Juiz de Fora: EDUFJF, 2000.

CROCETTA, Benedetto. Un cinquantennio di vita coloniale. *In: **Cinquantenario della colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud: 1875 - 1925.*** 2ª ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000. v. 1. p. 357 - 462 (fac-símile de 1925).

DE BONI, Luís A. **Bento Gonçalves era assim.** Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Correio Riograndense; Bento Gonçalves: FERVI, 1985.

DEMARTINI, Zeila de B. F. Algumas reflexões sobre a pesquisa histórico-sociológica tendo como objeto a educação da população brasileira. *In: SAVIANI, D., LOMBARDI, J.C., SANFELICE, L. (Org.) **História e História da Educação.*** 2. ed. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2000. p. 65 - 78. (Coleção Educação Contemporânea)

FARIA FILHO, L.M. de. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX. *In: ARAÚJO, J. C. de S.; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs.) **Novos temas em história da educação brasileira.*** Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 133-150.

GIRON, Loraine. A formação econômica regional. **Enfoque - revista da Fundação da Região dos Vinhedos**, Bento Gonçalves, n. 63, p. 18 - 27, dez. 1986.

LUCHESE, Terciane Â. Imigrantes italianos e suas escolas no Rio Grande do Sul, Brasil. *In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Porto. **Anais...*** Porto: s.n, 2008.

____. Â. **O processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: UCS, 2015.

MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e Colonização em Minas 1889-1930.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920).** Niterói, 1991. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1991.

RODRIGUES, Maysa Gomes. **Sob o céu de outra pátria: imigrantes e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2009. 401 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel, 1989.

VEIGA, Cynthia Greive; RODRIGUES, Maysa Gomes. Etnicidade e História da Educação. *In*: MORAIS, C. Cardoso; PORTES, E. Antônio; ARRUDA, M^a Aparecida (Org.). **História da Educação: ensino e pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 27-57.

Legislação

LEIS Mineiras referentes à Imigração e Educação. Belo Horizonte, 1888-1918. (Arquivo Público Mineiro)

Relatórios

MINAS GERAIS. **Fallas e Mensagens dos Presidentes do Estado ao Congresso Mineiro**. Ouro Preto: Belo Horizonte, 1880-1914. Disponível em: <www.crl.edu/content/brazil/mina.htm> Acesso em: nov. 2011.

MINAS GERAIS. **Papéis Findos**, 6^a Seção ano de 1912. (Arquivo Público Mineiro).

RELATÓRIO DO MINISTÉRIO da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1876.

RELATÓRIO DO MINISTÉRIO da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1888.

DE VELLUTIS, Relatório do Cav. Francesco. Régio Cônsul de Porto Alegre. **O Estado do Rio Grande do Sul e a Crise Econômica durante o último quinquênio**. Fevereiro de 1908.

Jornais

CORREIO DE MINAS. Juiz de Fora, de 13 nov. 1895 a 1 jan. 1907.

JORNAL DO COMÉRCIO. Juiz de Fora, de 23 dez. 1896 a 23 dez. 1912.

O PHAROL. Juiz de Fora, de 11 nov. 1889 a 20 set. 1901.

O COSMOPOLITA. Caxias, semanal, de 1902 a 1904.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Maysa Gomes. Universidade FUMEC – FCHSS. Rua Cobre n. 200. Bairro Cruzeiro - Belo Horizonte - MG, CEP: 30.310-190. Brasil.

Terciane Ângela Luchese. Universidade de Caxias do Sul, Bloco E, R. Francisco Getúlio Vargas, 1130, CEP: 95.070-560, Caxias do Sul, RS. Brasil.